

A GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA

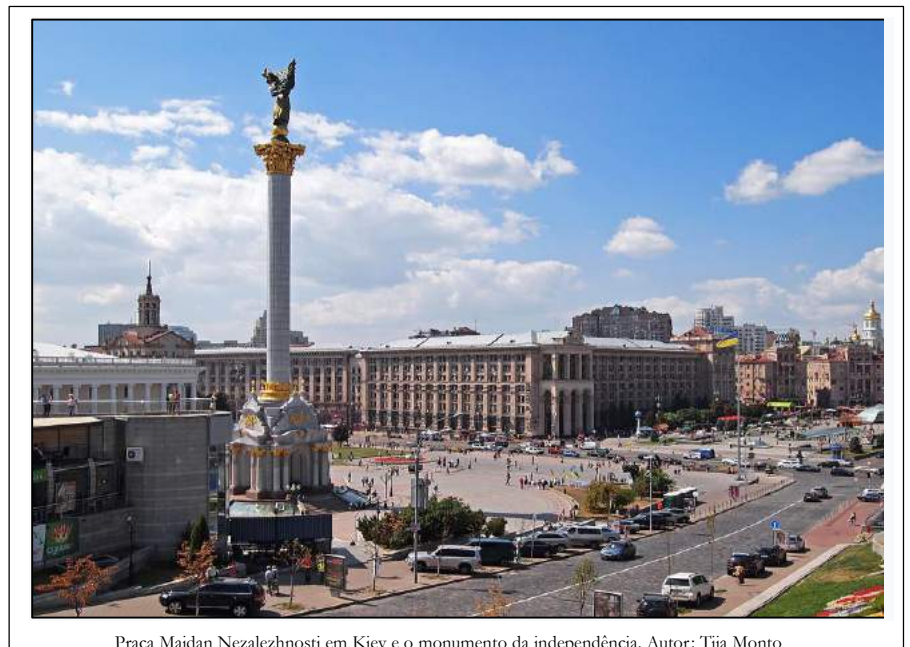
Julia Mori Aparecido*

Sergio Luiz Cruz Aguilar**

Introdução

A presente série estava sendo preparada para ser publicada em dezembro de 2021, quando a movimentação de tropas russas para a fronteira com a Ucrânia cresceu. Passamos então a acompanhar a situação e resolvemos lançar essa edição no final de fevereiro de 2022. Com a invasão russa no final do mês, adicionamos alguns dados e considerações sobre o conflito, abarcando os seus primeiros dias.

A Ucrânia é o segundo maior país da Europa e foi uma das 15 repúblicas que compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até seu fim em 1991. Para a Rússia, a “queda da União Soviética foi o maior desastre geopolítico do século. [...] Dezenas de milhões de concidadãos e compatriotas passaram a se encontrar fora do território russo. Mais, a epidemia de desintegração infectou a Rússia”¹. E em agosto daquele ano, a Ucrânia tornou-se uma nação independente e estabeleceu laços mais próximos com as potências ocidentais, o que incomodou a Rússia. Desde então Kiev, capital ucraniana, tenta controlar seu destino, muitas vezes sem sucesso, sob a sombra de seu maior e mais poderoso vizinho².



Praça Maidan Nezalezhnosti em Kiev e o monumento da independência. Autor: Tiia Monto
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maidan_Nezalezhnosti2.jpg

A história da Ucrânia inclui o pior desastre nuclear do mundo, que ocorreu em Chernobyl em 1986, bem como tempos de glória que geraram marcos arquitetônicos em suas cidades. Kiev, sua capital, é conhecida por sua bela paisagem urbana, marcada pelos domos de suas igrejas históricas - o berço da nação está ligado à ascensão do cristianismo ortodoxo no Oriente³.

Com a anexação da Crimeia e o separatismo nas províncias do leste, na região de Donbas, a Ucrânia tem apresentado anseios de aderir à

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a aliança militar ocidental. No final de 2021, a Rússia passou a desdobrar tropas na fronteira e invadiu o país em 24 de fevereiro de 2022. Percebe-se, portanto, que quando se trata da Ucrânia, a tensão é maior por envolver, principalmente, questões de defesa e energéticas. Nesse sentido, a invasão da Ucrânia permite algumas considerações sobre o contexto internacional que resultou na decisão russa pelo uso da força.

Implicações Geopolíticas e de Identidade

O nacionalismo ucraniano teve origem a partir da oposição ao Outro, no caso a Rússia e a Polônia⁴, países que, até então, dominavam partes do território que hoje corresponde a Ucrânia. A ideia nacional partiu do desejo de se colocar como diferente em relação aos outros países, de maneira que o movimento ucraniano que formou as bases do nacionalismo russo. Além disso, houve em sua história a apropriação do trabalho criativo dos intelectuais não nobres pela nobreza. Essa apropriação levou à identificação dos grão-russos como a verdadeira nacionalidade russa e os pequenos russos, ucranianos e bielorrussos como periferias imperiais⁵.

GRANDE RUSSIA: Sabes com quem falas ou esqueceste? Eu sou a Rússia, afinal: Por que me ignoras?...

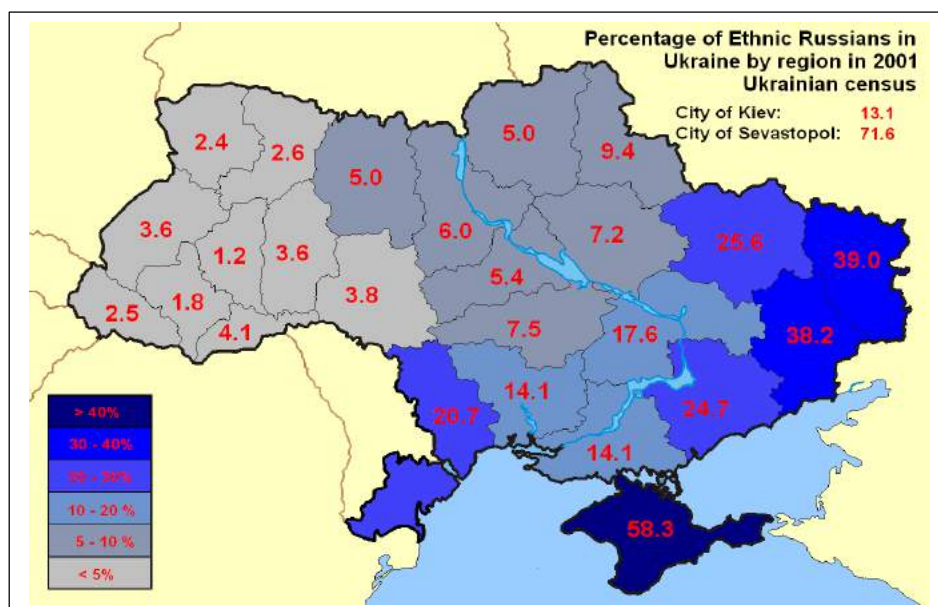
PEQUENA RÚSSIA: Eu sei quem és; esse também é o meu nome. Por que me intimidas? Eu mesmo estou tentando colocar uma cara corajosa. Eu não me submeti a vós, mas ao seu soberano, sob cujos auspícios nasceste de seus ancestrais. Não pense que você mesmo é meu mestre, mas o seu soberano e o meu, é nosso governante comum. E a diferença entre nós, são nossos nomes próprios: você é grande, eu sou pequeno; vivemos em terras vizinhas⁶.

O nome "Ucrânia" refere-se a antiga palavra russa "*okraina*" que significa periferia, conforme fontes escritas do século XII, referindo-se a vários territórios fronteiriços. A palavra "ucraniano", a julgar pelos documentos de arquivo, originalmente se referia aos que protegiam as fronteiras externas⁷.

O projeto de construção do Estado da Rússia teve um viés imperialista, em parte porque privou

a Pequena Rússia do direito de declarar sua própria nacionalidade.

independente, não uma parte marginal de outro.



Mapa do percentual da etnia russa na Ucrânia. Censo de 2001 – por região. Autor: Kuban kaza <http://www.ukrcensus.gov.ua/eng/results/general/nationality/>

Até mesmo a historiografia russa foi instrumentalizada para esse fim, evocando supostos laços dinásticos, religiosos e étnicos. Entretanto, isso foi, em grande parte, criado recentemente. Atualmente, essa percepção de status inferior em relação aos grandes russos aumentou a consciência de que os ucranianos são vistos pela Rússia (e a Polônia), das quais já são percebidas como uma periferia pelo Ocidente, como uma periferia. Desta forma, os nacionalistas ucranianos podem achar preferível integrar-se diretamente no ambiente europeu do que ser uma periferia da periferia. Vale ressaltar que um aspecto central de sua mudança para a independência foi seu desejo de ser um ator ativo e direto no cenário internacional⁸.

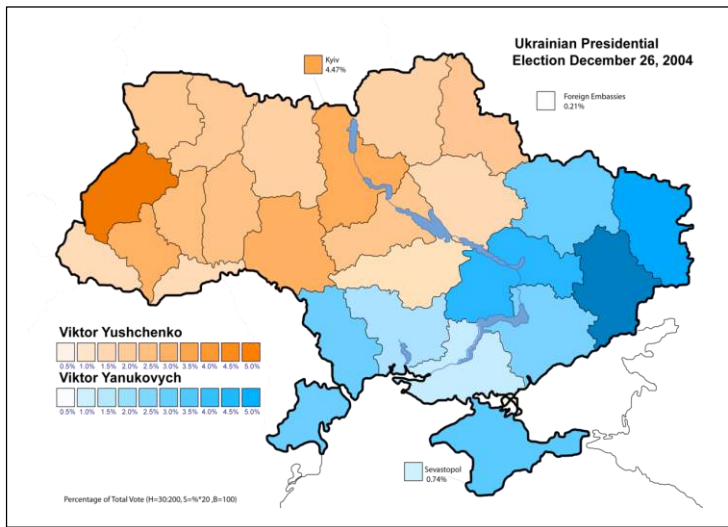
A gênese do conflito entre a Rússia e a Ucrânia é o nacionalismo dos dois países, cujos interesses divergentes há muito geram tensões. Por um lado, há o nacionalismo ucraniano, que foi pró-ocidental desde o início e cuja construção nasceu do desejo de que seu país fosse reconhecido como um Estado

Do outro lado está o nacionalismo russo, que moldado ao longo dos séculos por decorrentes de comparações, opõe-se ao Ocidente, entendendo-o como modelo a ser confrontado. De vocação imperial, ele vê a Ucrânia como parte de si mesmo e tem dificuldade em aceitar sua existência soberana. Ainda mais porque essa busca para estar mais próximo do Ocidente dificulta os planos da Rússia de maior influência regional. A manutenção dessa influência, por sua vez, prejudica a participação da Ucrânia nos assuntos europeus e globais. Essa postura às vezes é vista por parte dos ucranianos como uma tentativa da Rússia de criar um império regional informal⁹.

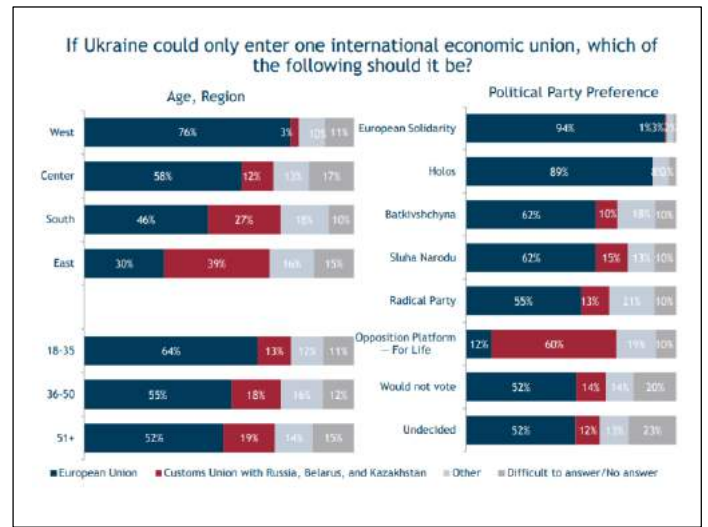
Assim, sendo, a Rússia reforça a divisão que há na Ucrânia, em que “[...] apenas o oeste ucraniano, que no passado pertenceu à Polônia, se identificaria com a identidade ucraniana e consequentemente, com o discurso pró-Ocidente. O leste se manteria, em sua maior parte, leal à Rússia por afinidades históricas e etnoculturais”¹⁰.

Em 2004, período de eleições e da Revolução Laranja, percebeu-se a clara divisão da Ucrânia entre leste e oeste. No oeste está, predominantemente, os falantes de ucraniano e no leste de russo¹¹.

apresentaram grande interesse em se juntar a EU, ao passo que e as pessoas que vivem ao leste do país demonstraram pouco interesse em ingressar naquela organização¹³.



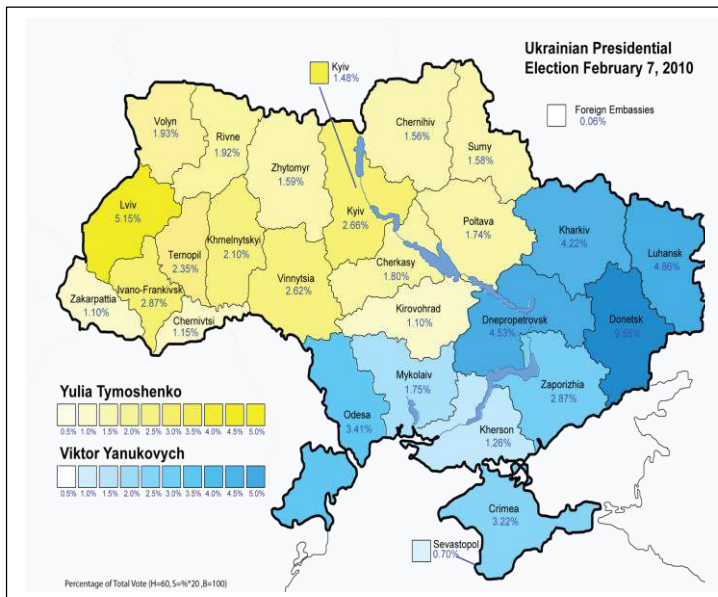
Eleições Presidenciais Ucrânicas de outubro de 2004 – Maiores votações (Resultado Final). Autor: DemocracyATwork. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ukraine_Presidential_Dec_2004_Vote_\(Highest_vote\).png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ukraine_Presidential_Dec_2004_Vote_(Highest_vote).png)



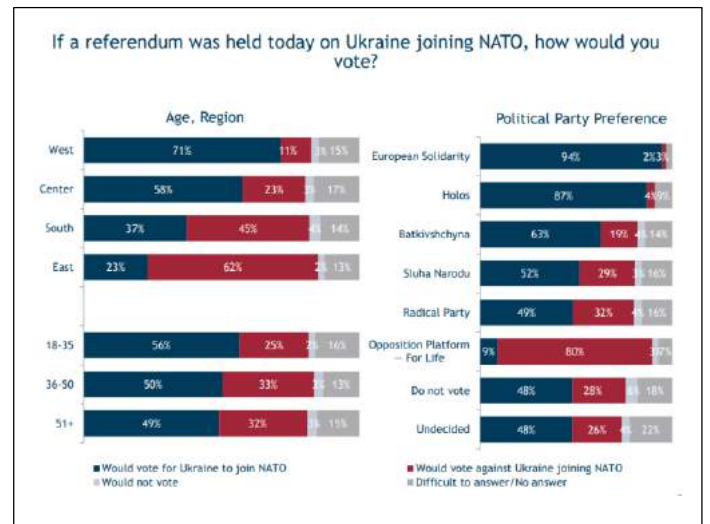
International Republican Institute's (IRI). Public Opinion Survey: Residents of Ukraine. Center for Insights in Survey Research, Estados Unidos, 2019. Disponível em: https://www.iri.org/wp-content/uploads/legacy/iri.org/wysiwyg/2019_december_survey_of_residents_of_ukraine_ngproof_toct_03032020_comments_removed_final.pdf.

Ainda nas eleições de 2010, que elegeram o Presidente Yanukovich, foi possível perceber que os padrões de votação se assemelham muito com as pesquisas de 2004¹².

A mesma divisão foi verificada quando a pesquisa perguntou como as pessoas votariam caso ocorresse um referendo sobre a Ucrânia ingressar na OTAN.



Eleições Presidenciais Ucrânicas de janeiro de 2010 – Maiores votações (Resultado Final). Autor: DemocracyATwork. <https://commons.wikimedia.org/wiki/user:DemocracyATwork>



International Republican Institute's (IRI). Public Opinion Survey: Residents of Ukraine. Center for Insights in Survey Research, Estados Unidos, 2019, p. 37. Disponível em: https://www.iri.org/wp-content/uploads/legacy/iri.org/wysiwyg/2019_december_survey_of_residents_of_ukraine_ngproof_toct_03032020_comments_removed_final.pdf.

Uma pesquisa do Instituto Republicano Internacional permite visualizar essa divisão. Quando a pesquisa perguntou como as pessoas votariam caso ocorresse um referendo sobre a Ucrânia entrar em uma união econômica internacional, as cidades no oeste da Ucrânia

Os gráficos acima demonstram as divergências existentes dentro da Ucrânia acerca da opinião da população sobre o posicionamento do país no cenário internacional. Mas, a noção de que divisão entre os ucranianos como pró-ocidentais e pró-russos pode não ser totalmente precisa. A fidelidade cultural dos chamados ucranianos “pró-russos” parece estar mais nos

valores do passado soviético do que na Rússia de hoje, mas esta usa o discurso antiocidental para absorver esses valores e transferi-los para si mesma. Para o nacionalismo ucraniano, os grupos separatistas pró-Rússia no leste da Ucrânia, Donetsk e Luhansk, que fazem parte da Ucrânia há quase um século, antes disso, nunca foram totalmente russos. Sua colonização, como da Crimeia, foi realizada principalmente por ucranianos e outros poucos estrangeiros, como búlgaros e sérvios¹⁴.



Mapa etnolinguístico da Ucrânia. Autor: Yerevanci
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ethnolinguistic_map_of_ukraine.png

CAUSAS PROFUNDAS DA CRISE

Para Mearsheimer, o objetivo dos Estados Unidos e seus aliados europeus é tirar a Ucrânia da órbita de influência russa e incorporá-la ao Ocidente. Fazer da Ucrânia um baluarte na fronteira da Rússia. Assim, o Ocidente seria o principal responsável pelas tensões e não os russos¹⁵.

Nessa estratégia há três elementos-chave. A mais importante: expansão da OTAN. Desde que a Guerra-Fria acabou, com a administração de Clinton, é possível perceber uma movimentação ocidental em direção à fronteira russa. A segunda é a expansão da União Europeia, uma instituição econômica, em conjunto com a OTAN, uma instituição militar, que trata de integrar a Ucrânia economicamente ao ocidente. Por fim, a promoção da democracia.

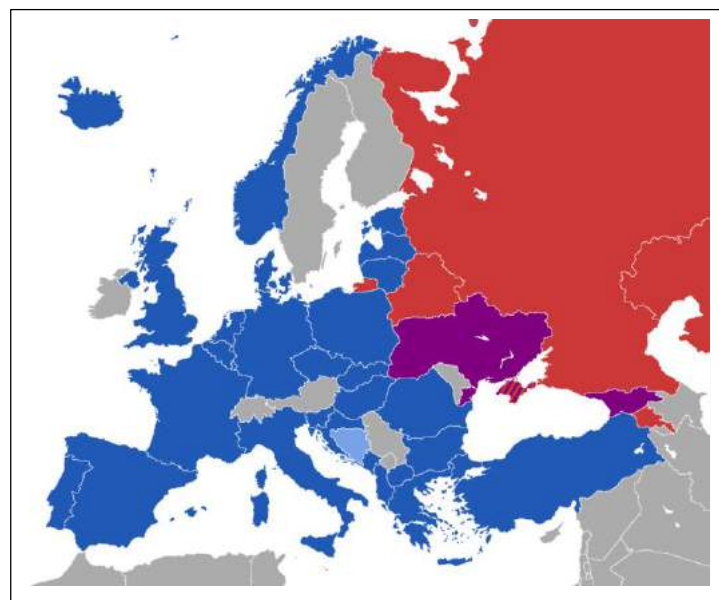
A Revolução Laranja pautou-se na promoção da democracia na Ucrânia e em outros lugares. Realizou a derrubada do governo para implantação de um regime democraticamente eleito. Nesse sentido, a estratégia se trata do estabelecimento de regimes democráticos e na espera de que aquele que for eleito seja pró-Ocidente, ou seja, atingindo ao mesmo tempo dois objetivos,

promovendo a democracia e obtendo líderes pró-América¹⁶.

O ENTORNO ESTRATÉGICO RUSSO

Após o fim da Guerra Fria em 1989, observou-se uma contração russa, manifestada na perda de sua influência no espaço geopolítico da antiga União Soviética, cuja fragmentação levou à formação de vários novos estados soberanos, que se tornaram fonte de atração e interesse para o Ocidente. Especificamente, três regiões instáveis exercem pressão geopolítica sobre a Rússia: 1) a região do Cáucaso, principalmente, as regiões separatistas do Azerbaijão e Armênia, Chechênia, Daguestão, Geórgia, Ossêtia do Norte e do Sul; 2) Ásia Central e o Sul da Ásia, a mencionar seus vizinhos próximos: a China e a Índia, Cazaquistão, Turcomenistão, Quirguistão, Tadjiquistão; e 3) a região ocidental, com as ex-repúblicas soviéticas no Mar Báltico e países próximos da Europa Ocidental, como Ucrânia e Bielorrússia, e os antigos Estados-membros do Pacto de Varsóvia na leste europeu¹⁷.

A penetração nesses espaços geopolíticos é essencial para o Ocidente por vários motivos: a possibilidade de sufocamento russo, a criação de instabilidade política, a ocupação de vácuos de poder e o acesso a recursos eurasiáticos, principalmente gás natural e petróleo, mercadorias básicas do Oeste¹⁸.



Mapa OTAN 30. Autor: Starfire25
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:NATO_30_Members.png

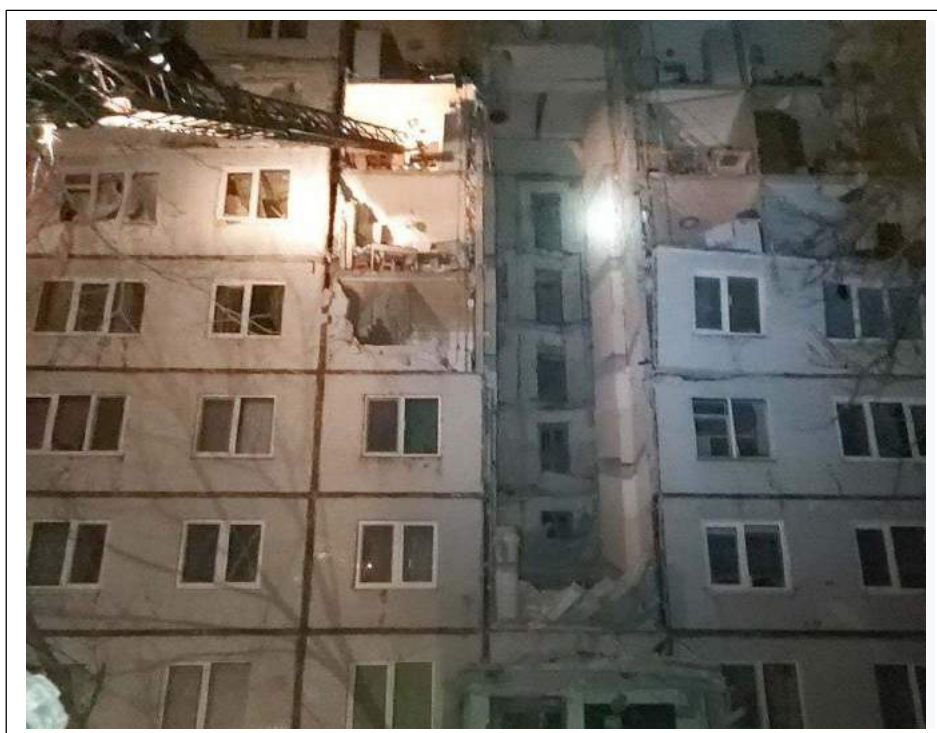
Esse fator somado a apresentação das duas fases de expansão da OTAN em direção a Rússia, em 1999 e 2004, percebe-se que, na verdade, quem está expandindo em direção à Rússia é o Ocidente. A grande preocupação atávica da Rússia é a segurança.

Desde o século IX, a Rússia sofreu inúmeras invasões do leste e oeste. Destarte, no imaginário psicossocial sempre há um olhar desconfiado para o Ocidente e ao perceber que esse vem demonstrando cada vez mais o seu interesse de expansão no seu entorno estratégico, ou seja, seu espaço de segurança, a preocupação aumenta¹⁹. O aspecto simbólico da Ucrânia é muito significativo. Esse país fazendo parte da OTAN significa para os demais países próximos que eles também conseguiriam e teriam, portanto, a mesma alternativa, com efeito direto na Rússia. Na prática, a aproximação da Ucrânia com o Ocidente, sobretudo da OTAN, significou a rejeição da Rússia e poderia significar o mesmo para os países que compõem a área natural de influência russa. A situação se agravou, pois a Rússia não consegue aceitar que essa rejeição é o resultado de três questões fundamentais. Primeiro, a suspeita de que os acordos firmados com os russos serem apenas uma maneira de subjugação econômica e política para garantir sua influência. Segundo, o modelo político e de governança russa que privilegia uma pequena casta de escolhidos à custa da população em geral e, nesse sentido, permeado por corrupção e negligência por parte de oficiais governamentais, sobretudo no nível regional. Assim, não é considerado atrativo para a população desses países em comparação com o modelo ocidental. Terceiro, questões históricas. Os Países Bálticos e outros países do extinto Pacto de Varsóvia como Polônia, Hungria, República Tcheca, entre outros, consideram a União Soviética, portanto indiretamente a Rússia, como agressora e opressora que os tirou forçadamente da civilização ocidental. Nesse sentido, a queda da União Soviética significou sua libertação²⁰.

Berzínš descreveu a ameaça do Ocidente²¹ para a Rússia como a imposição ideológica de um modelo no qual a ameaça principal é o estabelecimento de instrumentos de revoluções coloridas — “ameaças militares incluem atores externos fatores que podem resultar em um conflito envolvendo forças militares. Perigos militares são fatores que podem escalar até uma ameaça militar”²². “O maior perigo externo são os Estados Unidos, a OTAN, e em uma escala menor a União Europeia e o Ocidente em geral. O maior perigo interno são as revoluções coloridas como resultado das fragilidades internas da Rússia, incluindo questões étnicas e religiosas”²³.

dos Estados Unidos e da União Europeia ao golpe de Estado anticonstitucional na Ucrânia levou a uma profunda divisão na sociedade ucraniana e ao surgimento de um conflito armado. O fortalecimento da ideologia nacionalista de extrema direita, a formação deliberada na população ucraniana de uma imagem da Rússia como inimiga, a aposta indisfarçável na resolução forçada das contradições intraestatais e a profunda crise socioeconômica estão transformando a Ucrânia em uma sede crônica de instabilidade na Europa e nas imediações das fronteiras da Rússia²⁴.

Por isso a aproximação da Ucrânia e de qualquer outro país ex-soviético com o Ocidente é inaceitável e tão problemático quanto a participação dos antigos



Prédio em Kharkiv parcialmente destruído durante a invasão russa, 26 de fevereiro de 2022.

Autor: State Emergency Service of Ukraine

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Apartment_block_in_Kharkiv_damaged_during_Russian_invasion.jpg

O artigo 17 do Conceito de Segurança Nacional da Federação Russa afirmou que

A postura do Ocidente voltada para combater os processos de integração e criar lugares de tensão na região da Eurásia está exercendo uma influência negativa na realização dos interesses nacionais russos. O apoio

países do Pacto de Varsóvia e Estados Bálticos na OTAN e UE. Por um lado, elimina a capacidade da Rússia de manter uma esfera de influência ao seu redor. Por outro lado, mostra ao povo russo que outro modelo político, econômico e social é possível. A situação piorou com a ajuda dos EUA à Ucrânia e o

envio de tropas e armas da OTAN à Polônia e aos países bálticos, incluindo defesas aéreas capazes de neutralizar os sistemas de mísseis russos. A Rússia não vê a OTAN como uma aliança benigna.

No seu discurso nas primeiras horas do dia 24 de fevereiro, que autorizou uma operação militar especial que, conforme Putin, visava proteger a população no leste da Ucrânia, ele declarou:

Sabe-se bem que por 30 anos tentamos, persistente e pacientemente, chegar a um acordo com os principais países da OTAN sobre os princípios de uma segurança igualitária e unida na Europa. Como resposta a nossas propostas, frequentemente nos debatemos ou com enganações cínicas e mentiras, ou com tentativas de pressão e chantagem, enquanto a Aliança do Atlântico Norte, no meio tempo, apesar de todos os nossos protestos e cuidados, se expande sem parar. A máquina de guerra se movimenta e, repito, se aproxima em cheio de nossas fronteiras²⁵.

A Rússia está convencida de que a OTAN é um instrumento de dominação ocidental, especialmente os interesses econômicos americanos. Os EUA usam a retórica sobre democracia e direitos humanos como desculpa para fazer valer seus interesses econômicos pela força, especialmente quando as reservas de petróleo estão em questão. Sobre isso, no pronunciamento de Putin, no dia 24, ele mencionou uma série de episódios que confirmam sua posição.

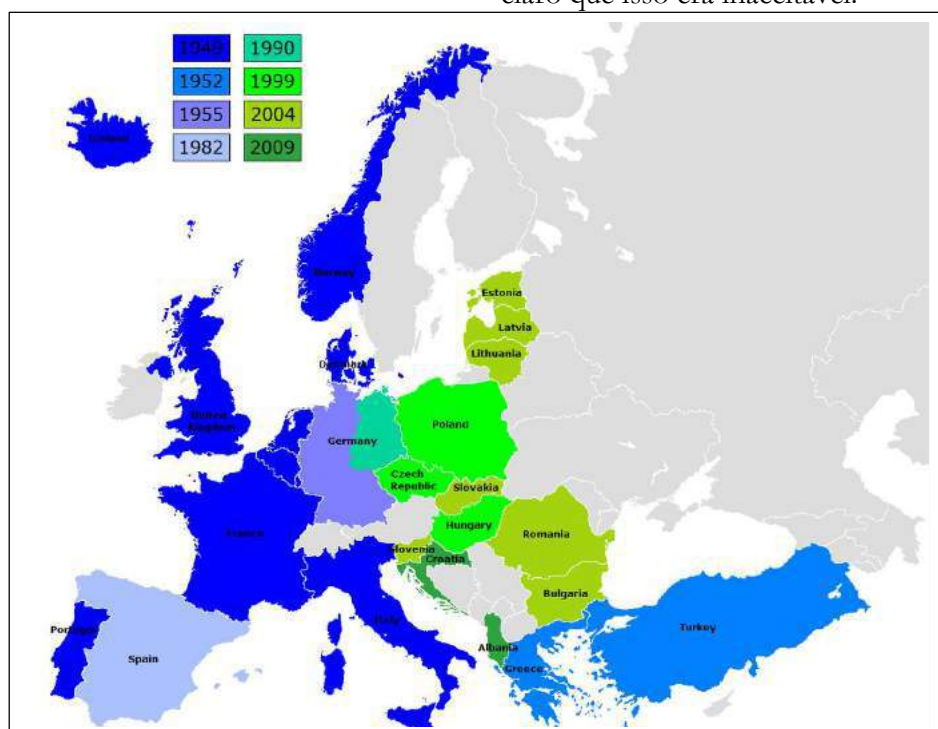
Primeiro, sem qualquer autorização do Conselho de Segurança da ONU, realizou-se uma sanguinolenta operação militar contra Belgrado [...] Depois, foi a vez do Iraque, da Líbia e da Síria. O uso ilegítimo da força militar contra a Líbia e a deturpação de todas as decisões do Conselho de Segurança da ONU sobre a questão Líbia levaram à destruição completa desse Estado [...] Destino semelhante renderam

também à Síria. A ação militar da coalizão ocidental no território do país sem o consentimento do governo sírio e sanção do Conselho de Segurança da ONU é nada menos do que uma agressão, uma intervenção. [...] nessa lista tem lugar especial a invasão do Iraque, claro, também sem qualquer base legal. [...] Os exemplos que dei aqui são os mais gritantes, mas estão longe de ser os únicos de negligência do Direito Internacional. Nessa lista incluem-se também as promessas ao nosso país de a OTAN não expandir nem uma polegada para o leste²⁶.

Mas, se o Ocidente demonstrou um apetite em se expandir para o Leste no pós-Guerra Fria, com o tempo, demonstrou também certa fraqueza. A OTAN, originalmente uma aliança de defesa coletiva, afirmou que seus interesses estariam em qualquer lugar do mundo e se expandiu em duas grandes parcelas.

houve até a intenção de instalar um escudo antimísseis em países que fazem fronteira com a Rússia. Após isso, passou a assediar antigas repúblicas soviéticas como a Geórgia e a Ucrânia. Isso levou à percepção da OTAN como ameaça para os russos que passaram a se preparar para fazer frente a essa possível expansão.

Desde meados de 1990 os russos deixaram claro que se opunham veementemente a expansão da OTAN mas: 1) eles estavam fracos para poder fazer algo a respeito; e 2) a expansão não envolvia antigas repúblicas soviéticas. O grande problema começou na cúpula de Bucareste, em abril de 2008. Nela, emitiu-se uma declaração em que a OTAN saudava as aspirações euro-atlânticas da Ucrânia e da Geórgia²⁷. Os russos deixaram perfeitamente claro que isso era inaceitável.



Expansão da OTAN na Europa. Image by Kpalion.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:NATO_expansion.png?uselang=pt-br#file

A primeira foi em 1999 quando a Polónia, a República Tcheca e a Hungria foram incorporadas a Organização. A segunda foi em 2004 com a incorporação dos Estados Bálticos. No bojo dessa expansão

O vice-ministro das Relações Exteriores da Rússia afirmou que “a adesão da Geórgia e da Ucrânia à aliança é um enorme erro estratégico que teria consequências mais sérias para a segurança pan-europeia”²⁸.

Ainda, Putin afirmou que a Geórgia e a Ucrânia se tornarem parte da OTAN era uma “ameaça direta”²⁹ à Rússia³⁰.

A declaração de Bucareste incitou uma maior agressividade da Geórgia com a Rússia, considerando que teriam o apoio da OTAN.³¹ Em 2008, numa escala menor, ocorreu na Geórgia situação semelhante à da Ucrânia. As forças russas invadiram a Geórgia para proteger as províncias separatistas da Ossétia e da Abcássia, após ações militares georgianas. Em uma semana um acordo foi assinado e essas regiões se mantêm, desde então, como proto-Estados com ocupação e forte influência russa. Os europeus e a OTAN não reagiram em termos militares. Esse foi o primeiro sinal de demonstração de fraqueza ocidental, dentre os que foram sendo contabilizados pelos russos e certamente pesaram na decisão de invadir a Ucrânia.

Nos foros diplomáticos, a Rússia passou a frear a propensão pelo uso da força pelas potências ocidentais, como ficou evidente nos vetos a todas as tentativas de uma ação na guerra civil da Síria pela Rússia e a China no CSNU e pelo envolvimento direto russo naquele conflito. Enquanto isso, a OTAN tinha dificuldade de gerar tropas, de obter um maior comprometimento de seus membros com as operações no Afeganistão e no Iraque. A retomada do poder pelo Talibã e os acontecimentos lamentáveis ocorridos durante a retirada das tropas do Afeganistão adicionaram mais certeza sobre a fraqueza do Ocidente e da Aliança.

Na tomada da Crimeia em 2014, portanto, novamente os russos verificaram que não houve uma reação armada ocidental. Na prática, aquela península se encontra incorporada ao Estado russo desde então. Mearsheimer apontou que por muito foi necessário conter a Rússia. Depois que a crise estourou, em

2014, notou-se uma maior veiculação, sobretudo por parte dos americanos, de uma Rússia agressiva e empenhada em criar a “a Grande Rússia”³². A disseminação dessa imagem faria com que se exigisse uma resposta mais dura do Ocidente com os russos — o que se espera quando há de se apontar a culpa ao outro³³.

regime de sanções das Nações Unidas ainda não deram sinais de que estão sendo ‘resolvidos’. Pois até o momento a reação ocidental à ação russa esteve centrada, principalmente, em sanções. Entretanto, como as que estão sendo anunciadas são bem mais profundas que as utilizadas até hoje, pode ser que tenham mais eficácia o que só o tempo irá dizer.



Estação de metrô de Kiev convertida em abrigo anti-aéreo após a invasão russa.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:People_on_a_metro_station_during_Russian_invasion,_Kyiv,_2022.jpg

Mas, a mentalidade básica do Ocidente é que se deve punir os russos economicamente e eles irão se render³⁴. As sanções podem ser também um sinal clássico da não propensão pelo envolvimento militar. Após a anexação da Crimeia os norte-americanos e europeus aplicaram sanções à Rússia. Mas, o país não só não colapsou como também aumentou sua capacidade militar. Sanções têm sido impostas em longa data à Coreia do Norte e ao Irã. No entanto, além de não resultarem na paralisação dos programas nucleares desses países, resultaram no aumento da percepção da ameaça e da necessidade de melhorar suas capacidades militares para a preservação da soberania. Na realidade, a aplicação de sanções não tem resolvido nem certas guerras civis. Os conflitos no Sudão do Sul, República Centro Africana, Líbia, dentre outros, que se encontram sob

Desse modo, o que antes se tratava de incorporar a Ucrânia na OTAN, o que garantiria a aplicação do Artigo 5 do seu tratado³⁵ em caso de sofrer uma agressão, passou a ser os desdobramentos de uma ação militar na Ucrânia, a qual não é um interesse estratégico vital para o Ocidente³⁶. Enquanto o discurso do Ocidente era o de que iria proteger o país, o envio de alguns armamentos e poucos assessores militares quando a crise já estava atingindo seu ápice indicou também a não propensão de envolvimento direto no caso de uma ação militar russa³⁷.

CRONOLOGIA DOS EVENTOS

Independência da Ucrânia à Revolução Laranja

O relacionamento de Kiev com Moscou moldou a política interna

ucraniana desde o início século XXI. Após a queda da URSS, em 1991, a Ucrânia declarou sua independência. Em 1994, o Presidente eleito, Leonid Kuchma, conduziu uma política de abertura controlada ao Ocidente enquanto mantinha uma aliança com a Rússia. Em maio de 2002, o governo decidiu anunciar uma solicitação formal para integrar a OTAN.

A eleição presidencial ucraniana de novembro de 2004 foi anulada pela Suprema Corte após protestos convocados pelo líder da oposição, Viktor Yushchenko, sob acusações de irregularidades no processo que elegeu o candidato pró-Rússia Viktor Yanukovich. Em dezembro, em uma nova votação Yushchenko tornou-se o presidente eleito. Esse processo ficou conhecido como Revolução Laranja.

Crisis

Em fevereiro de 2010, em uma nova eleição, Yanukovich foi eleito e em junho do mesmo ano o Parlamento ucraniano aprovou uma lei que encerrava as ambições do país integrar a OTAN. Três anos depois, o mesmo presidente recusou um acordo de associação com a União Europeia tentando reaproximar o país de Moscou. A medida provocou crescentes protestos em massa. A Praça da Independência (Maidan) em Kiev se tornou um símbolo e batizou esse movimento de descontentamento que evidenciou ainda mais a bipolaridade existente entre pró-russos e pró-europeus na sociedade ucraniana. Em fevereiro de 2014, confrontos violentos com as forças de segurança mataram pelo menos 77 manifestantes em Kiev. Yanukovich foi afastado, exilou-se na Rússia e a oposição assumiu o poder³⁸.

Frente à queda do governo pró-Rússia, Putin percebeu que a UE e a OTAN poderiam se movimentar

para integrar esse vizinho, motivando a invasão da região da Crimeia — território étnico russo que havia sido cedido à Ucrânia em 1954, nos tempos soviéticos — pela Rússia em março daquele ano sob alegações de laços históricos. Deu-se início a maior crise entre Oriente e Ocidente desde o fim da Guerra Fria. Os EUA e a União Europeia impuseram duras sanções contra Moscou. A ONU classificou a anexação como ilegal, mas dias depois Putin assinou o decreto de anexação da Crimeia. Em resposta, os líderes do G8 expulsam a Rússia do grupo, tornando o G7. Em abril, grupos armados pró-Rússia tomaram partes das províncias de Donetsk e Luhansk, que formam a região de Donbas, no leste da Ucrânia. O governo ucraniano lançou uma operação militar em resposta à insurgência. As tensões entre o exército ucraniano e separatistas pró-Rússia não tiveram um fim e já causaram mais de 14 mil mortes³⁹.

Ucrânia Dividida

Em 2015, com a Ucrânia dividida, o Quarteto da Normandia — Alemanha, França, Rússia e Ucrânia — tentaram um acordo de cessar-fogo para a região de Donbas⁴⁰ por meio dos acordos de Minsk e sob o mandato da Missão Especial de Observação da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE)⁴¹. Dois anos depois, em 2017, a Ucrânia ratificou um acordo de associação com a UE, que incluía um acordo de livre comércio e visava aprofundar os laços políticos e econômicos entre as duas partes. A eleição de 2019 elegeu o humorista de televisão, Volodymyr Zelensky, sob promessas de combate à corrupção e às oligarquias. Em setembro, Rússia e Ucrânia trocaram prisioneiros capturados na tomada da Crimeia por Moscou e no conflito em Donbas, pequeno avanço

resultante de mais uma tentativa frustrada da Cimeira do Quarteto da Normandia para resolver a guerra no leste do país. Em outubro, a Ucrânia foi envolvida no debate americano em torno do impeachment do presidente Donald Trump, acusado de pressionar Kiev para que investigasse o futuro candidato democrata à Casa Branca, Joe Biden⁴².

As faíscas de 2021

Em março de 2021, o Presidente dos EUA, Joe Biden, foi perguntado em uma entrevista se ele achava Putin um assassino. “Acho que sim”, foi a resposta⁴³. Suas palavras anteciparam uma escalada de tensão entre as duas potências. A Rússia, em resposta, retirou temporariamente seu embaixador nos EUA, Anatoly Antonov⁴⁴. No dia 23 de junho, a Rússia disparou tiros de advertência contra um navio britânico no Mar Negro, perto da península da Crimeia, dias antes dos exercícios navais da OTAN no mesmo local. No dia 20, Putin garantiu que o apoio militar ocidental à Ucrânia criaria “problemas de segurança significativos” para a Rússia⁴⁵.

Em novembro, percebendo uma oportunidade nas dificuldades enfrentadas pelo governo de Joe Biden e suas divergências com os aliados europeus sobre como lidar com Moscou, Putin concentrou mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, soando alarmes em Kiev, em Washington e na Europa de que estaria prestes a uma invasão de larga escala. Moscou negou, afirmando estar realizando exercícios em resposta a “atividades militares ameaçadoras” da OTAN perto de suas fronteiras e acusou os ocidentais de aumentar as tensões ao entregar armas modernas à Ucrânia e realizar “exercícios militares provocativos” no Mar Negro, perto de suas fronteiras. A Casa Branca impôs

sanções à Rússia, dada a sua interferência nas eleições americanas, e anunciou que deportaria dez funcionários de sua embaixada em Washington. A Rússia respondeu com a expulsão de dez diplomatas americanos. No dia 28, Moscou acusou a Ucrânia de deslocar tropas para o leste do país⁴⁶.

inaceitável, e pediu ao Ocidente "garantias de segurança"⁴⁸.

Os acontecimentos de 2022

Em 2022, deu-se início a rota diplomática em Genebra no dia 10 de janeiro. Dois dias depois, a OTAN e a Rússia notaram suas

diplomatas na Ucrânia, em vista do risco de a Rússia invadir aquele país. Recomendou aos seus cidadãos que abandonassem a Ucrânia e outros países, como o Reino Unido, replicaram essa medida⁴⁹.

No dia 24, a tensão aumentou novamente. Os EUA admitiram a possibilidade de enviar militares para a Europa Oriental e os países bálticos. A OTAN anunciou reforçar seu flanco oriental, enquanto a Rússia denunciou a 'histeria' do Ocidente e iniciou novas manobras militares perto da Ucrânia e na Crimeia. Para o Kremlin, sede do governo da Rússia, a responsabilidade pela tensão no Leste Europeu recai sobre os EUA e seus aliados⁵⁰. Os EUA rejeitaram as alegações e propuseram uma negociação diplomática. Emissoários da Rússia e da Ucrânia se reuniram em Paris com mediadores da França e da Alemanha para tentar reviver o processo de paz no leste da Ucrânia⁵¹.

No dia 2 de fevereiro, o Presidente turco Recep Tayyip Erdogan se ofereceu para sediar uma cúpula entre a Rússia e a Ucrânia em seu território e Washington enviou mais 3.000 soldados para a Europa Oriental, para defender os países da OTAN. No dia 7, Putin reuniu-se com o presidente francês, Emmanuel Macron. A presidência da UE corresponde a um mandato de seis meses e, naquela ocasião, a França convidou a Rússia para conversações sobre segurança no âmbito da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). Entretanto, três dias depois, a Rússia realizou intensas manobras na Bielorrússia⁵².

No dia 12, A Ucrânia disse que os alertas dos EUA sobre a agressão russa provocaram pânico. Moscou lançou novos exercícios navais no Mar Negro e anunciou que reduziria sua presença diplomática em Kiev.



Mapa mostrando as pessoas afetadas pelo conflito no Leste da Ucrânia. Autor: ECHO/European Commission <https://erccportal.jrc.ec.europa.eu/ECHO-Products/Maps#/maps/2048>

Em dezembro de 2021, o Washington Post publicou que a Rússia estaria preparando uma ofensiva contra a Ucrânia com até 175.000 soldados no início de 2022⁴⁷. No dia 7, o Presidente Joe Biden ameaçou Putin com "sérias sanções econômicas" se eles invadissem a Ucrânia, em uma cúpula bilateral virtual. Nesse episódio, o governo russo apresentou dois projetos de tratados para proibir qualquer expansão da OTAN e o estabelecimento de bases militares dos EUA em países da antiga órbita soviética. Em 16 de dezembro, a UE alertou que qualquer agressão contra a Ucrânia teria um alto custo para a Rússia. Uma semana depois, Vladimir Putin, insistiu que a expansão da Aliança para o Leste era

profundas "diferenças sobre segurança na Europa" no final de um conselho bilateral em Bruxelas. No dia 18, a Rússia iniciou manobras, enviando soldados na Bielorrússia, nesse mesmo dia Washington anunciou um apoio financeiro de US\$ 200 milhões para a Ucrânia para segurança adicional. Em 21 do mesmo mês, o chefe da diplomacia dos EUA, Antony Blinken, e seu colega russo, Sergey Lavrov, se encontram em Genebra e conseguiram ganhar algum tempo. O ministro das Relações Exteriores da Rússia afirmou que não iriam atacar a Ucrânia e anunciou que os EUA prometeram responder por escrito às suas demandas de segurança. Dois dias depois, Washington anunciou o repatriamento das famílias dos seus

Putin chamou as alegações contra Rússia de "especulação provocativa" em uma ligação com Macron, que reiterou que os ocidentais estavam determinados a responder em caso de agressão. Em outra conversa por telefone, Joe Biden alertou Putin que o ataque da Rússia à Ucrânia teria "custos rápidos e severos". O conselheiro estrangeiro de Putin criticou a 'ressurreição da histeria' dos EUA sobre a situação em torno da Ucrânia. No dia 14, os Estados Unidos decidiram transferir sua embaixada de Kiev para Lviv, no oeste do país. O Primeiro Ministro do reino Unido, Boris Johnson, pediu a Vladimir Putin para sair do 'precipício', pois acreditava que a Rússia poderia invadir "dentro de 48 horas". No dia seguinte, o Kremlin confirmou o início da retirada das tropas russas estacionadas perto da fronteira com a Ucrânia. O Presidente russo, Vladimir Putin, mais tarde assegurou que não queria a guerra. O anúncio foi visto como o primeiro sinal da desescalada, mas não ficou claro quantas tropas foram retiradas da fronteira ucraniana desde dezembro. A retirada de algumas tropas atraiu respostas entusiásticas na Ucrânia, com o ministro das Relações Exteriores, Dmytro Kuleba, assegurando que o país e seus aliados ocidentais teriam conseguido impedir uma nova escalada russa. Essa última notícia foi recebida com desconfiança pelo Ocidente. A própria Ucrânia, acreditando nos rumores de uma incursão militar, no dia 16 iniciou escavações de trincheiras na fronteira⁵³.

A invasão

O dia 21 de fevereiro começou com os russos negando que pretendiam invadir a Ucrânia, entretanto Putin reconheceu as regiões separatistas de Donetsk e Luhansk como repúblicas independentes e autorizou o envio

de militares russos para essas regiões⁵⁴. Na noite do dia 23 a ONU realizou uma reunião de emergência do Conselho de Segurança (CSNU) para debater a crise e pedir para que a Rússia não atacasse a Ucrânia. A invasão, entretanto, já estava em andamento. O primeiro discurso foi de António Guterres, Secretário Geral, que confessou estar "encarando um momento, que eu, sinceramente, esperava não ter que vivenciar"⁵⁵. A conversa mais tensa ocorreu entre os embaixadores ucraniano, Sergiy Kyslytsya, e russo, Vassily Nebenzia, que estava à frente do CSNU naquele mês. Para Kyslytsya, a resposta da ONU à ameaça russa foi tardia⁵⁶.

levará a consequências nunca enfrentadas antes na história"⁵⁹. A referência a desnazificação aborda, por um lado, a forma como o Exército Vermelho da URSS lutou e derrotou os nazistas alemães na Segunda Guerra Mundial, o que continua a mobilizar a imaginação e o orgulho nacional dos russos. Por outro, diz respeito a possíveis grupos neo-nazistas presentes na política e na sociedade ucraniana. "A utilização por Putin desse tipo de argumento junto à população tende a acessar o emocional da população russa e faz parte de um movimento maior do líder de mobilização de apoio popular"⁶⁰.



Vladimir Putin assistindo os exercícios estratégicos conjuntos West-2021 das forças armadas da Federação Russa e da República da Bielorrússia no campo de treinamento Mulino na região de Nizhny Novgorod, em 13 de setembro de 2021. Autor: Presidential Press and Information Office. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Zapad-2021_strategic_military_exercises_\(2021-09-13\)_4.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Zapad-2021_strategic_military_exercises_(2021-09-13)_4.jpg)

Já na madrugada do dia 24, Putin anunciou uma "operação militar especial"⁵⁷ em Donbas⁵⁸, alegando ataques e opressões por parte Kiev, e apontou que o objetivo era "desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia" e que "[...] para quem tiver a tentação de interferir, de fora, nos eventos [...] e ainda mais colocar em perigo nosso país e nosso povo, [...] a resposta da Rússia será imediata e

Nos últimos anos, Putin aumentou deliberadamente a comemoração da "Grande Guerra Patriótica", como é conhecida na Rússia, promovendo o Dia da Vitória como o feriado mais significativo e usando a guerra para aumentar o orgulho nacionalista entre os russos⁶¹. Putin também usou o termo "genocídio" para descrever

uma situação falsa de aniquilação da população russa na Ucrânia para provocar a mesma reação. O uso desse termo para justificar incursões militares russas em áreas disputadas não é novidade na política internacional de Putin, tendo ocorrido nos casos da Geórgia em 2008 e da Crimeia em 2014⁶². De fato, há um conflito nas áreas separatistas de Donetsk e Lugansk desde 2014, nas quais separatistas russos apoiados pelo governo russo enfrentam forças ucranianas, resultando na morte de 14 mil pessoas. Mas há também uma guerra de desinformação acontecendo na área. Em 2015, uma equipe da BBC demonstrou como na região de Donetsk, onde apenas emissoras de televisão russas transmitem programas desde 2014, a história da morte de uma menina russa de 10 anos em um bombardeio ucraniano foi inteiramente inventada⁶³.

mentiras" dentro dos EUA nos últimos anos. É difícil não concordar com isso: é assim que é. Mas não é preciso de ser comedido: os EUA são, de qualquer maneira, um país grandioso, uma potência formadora de sistemas. Todos seus [países] satélites não só fazem coro e eco aos EUA, dócil e resignadamente, mas também copiam seu comportamento e aceitam, entusiasmadamente, as regras que lhes são propostas. Por isso, com toda a base para tal, pode-se dizer com segurança que todo o chamado "bloco ocidental" formado pelos EUA com base em sua própria imagem e semelhança, é também, ele todo, um "império da mentira"⁶⁴.

As forças russas adentraram, a partir da Bielorrússia, no norte da Ucrânia e iniciaram ataques de mísseis contra alvos militares que atingiram diversas cidades ucranianas, inclusive a capital Kiev, pondo fim a centenas de vidas, inclusive de crianças. A usina nuclear de Chernobyl foi tomada e acredita-se que pode ser utilizada como ponto de provocação⁶⁵.



Veículos militares russos marcados com o símbolo V bombardeados por tropas ucranianas.

Autor: Міністерство внутрішніх справ України.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Russian_military_vehicles_marked_with_the_V_symbol_bombed_by_Ukrainian_troops.jpg

O Presidente russo também mencionou o “império de mentiras” voltado à narrativa difundida pelos Estados Unidos:

Aliás, os próprios políticos, cientistas políticos e jornalistas norte-americanos escrevem e dizem que se criou um verdadeiro "império das

Além da usina, outro ponto estratégico, a base aérea de Antonov ou Gostomol localizado no extremo norte de Kiev, foi tomada⁶⁶.

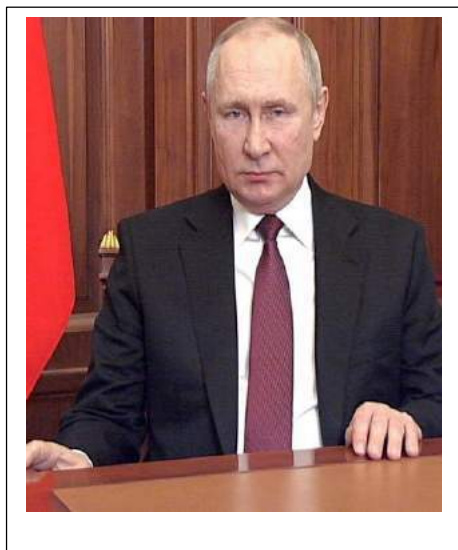
Pouco tempo após o início da invasão, o Presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, adotou a Lei

Marcial, que substitui as leis comuns civis do país por regras militares⁶⁷, proibindo a saída de cidadãos ucranianos do sexo masculino do país, e fechou seu espaço aéreo. Além disso, afirmou estar distribuindo armas aos cidadãos ucranianos que se considerarem aptos e declarou estado de mobilização geral com validade de 90 dias⁶⁸. Sobre a invasão, Zelensky disse: “O que nós estamos ouvindo hoje? Não são apenas explosões [...] Esse é o som de uma nova Cortina de Ferro baixando e isolando a Rússia do resto do mundo civilizado. Nossa tarefa nacional é fazer com que essa cortina não baixe sobre nosso território”⁶⁹. E acrescentou em um outro vídeo veiculado:

Quem está pronto para lutar conosco? Honestamente, eu não vejo ninguém. Quem está pronto para dar à Ucrânia uma garantia de adesão à Otan? Honestamente, todos estão com medo. Eles respondem que estão conosco, mas não estão prontos para nos dizer que "a Ucrânia estará na Otan". Todos estão com medo, e nós não temos medo, não temos medo de nada⁷⁰.

Sobre as declarações russas exibidas no dia 24, vale ressaltar que, através da análise dos metadados do arquivo do vídeo de pronunciamento de Putin, a declaração teria sido gravada dois dias antes. Além disso, no dia em que se aponta que a gravação foi realizada Putin utilizava a mesma vestimenta e está sentado na mesma mesa em seu gabinete. Sugere-se, pois, que o plano de ataque já estava engatilhado, ainda que ele afirmasse estar aberto a negociações diplomáticas. A reunião do Conselho de Segurança da Federação Russa que foi televisionada nas redes estatais do país como se fosse um evento ao vivo também teria sido gravada. Fica evidente, portanto, que não só as ações militares na Ucrânia foram

planejadas, como também o lado midiático da ação já estava preparado⁷¹.



Presidente da Federação Russa Vladimir Putin durante o discurso "Sobre a condução de uma operação militar especial" em 24 de fevereiro de 2022. Autor: Presidential Executive Office of Russia. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vladimir_Putin_\(2022-02-24\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vladimir_Putin_(2022-02-24).jpg)

As tropas russas avançaram de três eixos diferentes, Norte, Sul e Leste da Ucrânia, e chegaram a Kiev. Uma série de sanções começaram a ser adotadas. Os EUA, a UE, o Reino Unido e o Canadá congelaram os bens de autoridades russas e impuseram proibição de viagens. O Departamento do Tesouro dos EUA impôs sanções ao Fundo de Investimento Direto Russo, afetando a atração de capitais em setores de alto crescimento⁷². A Rússia foi suspensa do Comitê de Ministros do Conselho da Europa e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) encerrou o processo de adesão da Rússia, que estava suspensa desde 2014 devido a anexação da Crimeia⁷³.

No dia 25 de fevereiro, a Rússia vetou a resolução apresentada pelos EUA e a Albânia que condenava a invasão da Ucrânia no CSNU. Essa resolução contou com o apoio de 11 dos 15 membros do Conselho, incluindo o Brasil, que era membro

eletivo. A China, os Emirados Árabes e a Índia se abstiveram. Somente a Rússia votou contra, usando seu poder de veto⁷⁴. Vale ressaltar que em 2014, quando da anexação da Crimeia, a Rússia vetou um projeto de resolução de condenação ainda que o mesmo tenha recebido 100 votos a favor na Assembleia Geral, maioria mínima. Mas, apesar da anexação não ter sido reconhecida pela comunidade internacional, a Crimeia continua sob domínio russo oito anos depois⁷⁵.

Google e o YouTube se uniram ao Facebook e decidiram bloquear os anúncios da mídia estatal russa.

As forças russas chegaram a Kharkiv, a segunda maior cidade do país, Kherson e Berdyansk, ambos no sul da Ucrânia e a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse que a UE financiaria, compraria e forneceria armas à Ucrânia para uso na defesa do país contra a invasão russa⁷⁸. Além da Organização, outros países como a Alemanha, a Austrália, a França e



Invasão da Ucrânia pela Rússia iniciada em 24 de fevereiro de 2022. Autor: Homoatrox [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:War_in_Ukraine_\(2022\)_en.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:War_in_Ukraine_(2022)_en.png)

No terceiro dia da invasão, enquanto as forças russas atacavam uma unidade militar no subúrbio de Kiev⁷⁶, novas sanções à Rússia foram anunciadas pelos EUA, Reino Unido e União Europeia (EU), incluindo a suspensão do acesso ao Swift - Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais - principal rede de pagamentos internacionais, dificultando a possibilidade das empresas russas de negociar globalmente, desconectando-as do sistema financeiro internacional e limitando os pagamentos por serviços como o fornecimento de gás russo⁷⁷. A

a Holanda também haviam feito o mesmo anúncio⁷⁹. A UE também aprovou o fechamento do espaço aéreo de todos os seus 27 países-membros para aviões russos⁸⁰.

Vladimir Putin ordenou que as forças de dissuasão nuclear russas fossem colocadas em alerta máximo⁸¹ o que, para o premier britânico, Boris Johnson, seria uma manobra para desviar as atenções da guerra na Ucrânia⁸². A medida pode ser interpretada mais como uma forma de enviar uma mensagem a OTAN do que indicar o desejo de usar armas nucleares, uma vez que a

decisão ocorreu logo após os EUA e outros países anunciarem fortes sanções à Rússia. Enquanto isso, o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, anunciou que o país vai aumentar os gastos com defesa em mais de 2% do PIB⁸³.

Após cinco dias de ataques, delegações russa e ucraniana iniciaram conversações na Bielorrússia⁸⁴. Pouco após a reunião, as forças russas intensificaram ataques contra Kharkiv e a cidade portuária de Mariupol, estratégica na região do Mar de Azov, contíguo ao Mar Negro⁸⁵. O embaixador russo, Vasily Nebenzya, continuou afirmando na ONU não se tratar de uma guerra, mas sim uma "operação militar especial", reforçando que só buscaram atacar alvos e objetivos militares no país onde o poder estava sob grupos nazistas⁸⁶. A Assembleia Geral da ONU convocou uma sessão extraordinária de emergência para analisar o projeto de resolução promovido pelos europeus condenando "a agressão da Rússia contra a Ucrânia" e exigindo a retirada imediata das tropas russas e o fim dos combates⁸⁷. Ademais, A França convocou uma reunião de emergência do CSNU, com o objetivo de aprovar uma resolução para o cessar das hostilidades e a proteção de civis e permitir o acesso da ajuda humanitária⁸⁸.

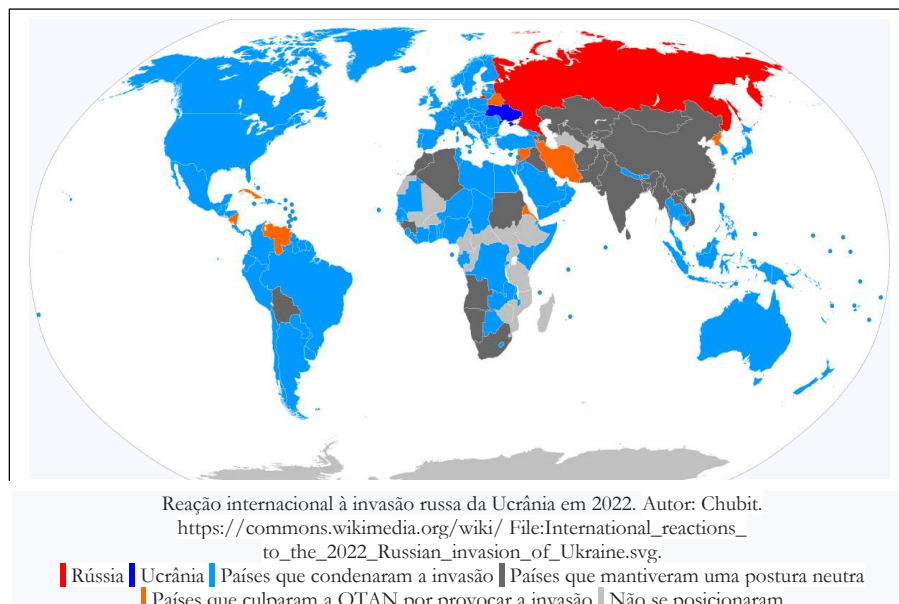
Enquanto isso, o presidente da Ucrânia enviou um pedido oficial à União Europeia, solicitando a admissão imediata do país⁸⁹. Bulgária, República da Tcheca, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Eslováquia e Eslovênia estavam entre os oito países que responderam à solicitação⁹⁰.

A AÇÃO RUSSA

Entender as movimentações russas exige compreender o seu fundo político sobretudo. Grande parte da popularidade do presidente Putin se deve à sua responsabilidade

de acabar com o caos da década de 1990 e elevar o padrão de vida da população. Uma guerra em grande escala põe em perigo a estabilidade do regime. Então, subentende-se que Putin não está jogando para perder.

declaração, simultânea a invasão da Ucrânia, Putin afirmou que: "força é sempre necessária - sempre, mas a força pode ter diferentes qualidades.



Quando as questões de segurança estão em jogo e envolvem interesses estratégicos centrais, os países relutam em desistir. A questão da Ucrânia é um ponto de interesse vital para Rússia, mas não é para o Ocidente⁹¹. Esse ponto evidenciou-se no dia 24 de fevereiro em que a invasão na Ucrânia ocorreu, momento em que Putin afirmou que

Para os EUA e seus aliados, isso faz parte da chamada "política de contenção da Rússia", são claros dividendos geopolíticos. Mas, para nosso país, isto é, no final das contas, questão de vida ou morte, uma questão do nosso futuro histórico como nação. E isso não é exagero: é assim mesmo. É uma ameaça real não apenas aos nossos interesses, mas à própria existência de nosso Estado e de sua soberania. Esta também é aquela linha vermelha da qual se fala repetidamente. Eles a cruzaram.

Além disso, o presidente declarou em seu discurso anual ao parlamento russo em 2006 que "nossas ações devem ser baseadas na superioridade intelectual"⁹². Ademais, durante a sua

Na base da política do império de mentiras, sobre o qual falei no início de meu discurso, está principalmente a força bruta e direta. Nesses casos, dizemos: 'ter força dispensa inteligência'⁹³.

As ações russas parecem seguir o conceito de "escalar para desescalar"⁹⁴. Embora o conceito tenha sido desenvolvido no contexto da guerra nuclear, ele indica criar um impasse para forçar um adversário a negociar uma solução aceitável, neste caso, para a Rússia. Dependendo do resultado das negociações, o processo de desescalada ocorre ou a escalada aumenta. O processo não é linear. Para Berzins, um dos problemas aqui é que, para os EUA e a OTAN, a escalada militar é um processo linear o que pode resultar em uma escalada mais rápida⁹⁵. O apoio dos EUA à Ucrânia foi minando a capacidade da Rússia de influenciar o país. Havia a probabilidade crescente de que a OTAN iniciasse negociações com a Ucrânia, embora o processo possa

levar décadas para ser concluído. A campanha militar da Rússia em 2014 na Ucrânia revigorou a OTAN e aumentou as preocupações nos estados bálticos e na Polônia de uma possível ação russa. Isso resultou no envio de tropas e equipamentos da OTAN para a região⁹⁶.

A questão é que essa ordem internacional construída no final da 2ª GM é baseada em normas e só funciona na medida em que os membros da dita comunidade internacional as praticam, principalmente os que têm mais poder nessa ordem. Um membro

prepararem para resistir a essa subversão da ordem. O problema é que a Rússia se opõe à subversão ocidental por meio da subversão. Nesse sentido, não é a Rússia de Putin que está debilitando uma ordem débil cuja debilidade pode ser atribuída às potências ocidentais¹⁰⁰.



Bombardeio russo em Kalynivka. Autor State Emergency Service of Ukraine.
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kalynivka_after_shelling_during_Russian_invasion_\(02\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kalynivka_after_shelling_during_Russian_invasion_(02).jpg)

O discurso e as ações ocidentais tornaram-se inconvenientes e a Rússia partiu para o uso da força. Como um conflito direto com a Rússia seria trágico, o Ocidente forneceu apoio e algum armamento da OTAN para a Ucrânia, mas não enviou tropas para sua defesa⁹⁷.

Putin está se colocando contra a ordem estabelecida

A crise atual apresenta um retrocesso nas regras construídas após a 2ª Guerra Mundial. A ONU foi fundada em 1945 e é uma das poucas instituições que não sofreu mudanças para se adaptar às modificações do sistema multipolar, muitos países como Brasil e Índia têm defendido uma reforma do Conselho de Segurança. No entanto, como qualquer mudança significativa na Carta das Nações Unidas exige aprovação do CSNU o andamento da reforma do mesmo não avançou⁹⁸.

permanente do CSNU, por meio do poder de veto, não permite que qualquer resolução seja aprovada no mesmo. Assim, o poder de veto da Rússia impede o Conselho de aprovar uma resolução condenando a invasão de Ucrânia, autorizando sanções ou respondendo militarmente⁹⁹.

A Rússia se colocou contra essa ordem ao invadir a Ucrânia. Mas, na realidade, está fragilizando ainda mais uma ordem que já estava significativamente fragilizada. Isso porque as potências ocidentais foram subvertendo a ordem e o fizeram por entenderem que tinham poder para isso. A partir do fim da Guerra Fria, foram criando exceções às regras para elas próprias de acordo com seus interesses. O uso da força de maneira unilateral como no Kosovo e no Iraque, dentre outros exemplos, e a OTAN se autodenominando 'polícia do mundo', acendeu a luz vermelha e levou países a se

A questão da soberania, por exemplo, é relevante nessa discussão. O conceito westfaliano de soberania passou a ser questionado, especialmente após o fim da Guerra Fria. Potências ocidentais passaram a advogar o direito (e até o dever) de interferir militarmente em outros Estados por razões humanitárias. Em 1999, a OTAN, de maneira unilateral e ilegal, usou a força contra a Sérvia sob a justificativa de proteção da minoria albanesa do Kosovo. Em 2003, os EUA e seus apoiadores invadiram o Iraque à revelia do Direito Internacional. Em 2011, dessa vez autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU, usou a força contra o governo Líbio para proteger a oposição. O resultado foi um desvirtuamento da resolução da ONU que levou a troca de regime, inclusive com o assassinato do então Presidente Gadafi. Interessante observar que alguns países participantes dessas intervenções não aceitam a ação russa que foi justificada nos mesmos termos – a proteção da população de maioria russa das províncias separatistas do Leste ucraniano. Ainda, alguns países que se colocam contra a separação de Donetsk e de Luhansk apoiaram a declaração unilateral de independência do Kosovo em 2008, durante administração da ONU, e que ia contra a resolução do CSNU que afirmava que aquela província continuaria parte da Sérvia.

Então, as intervenções unilaterais pelos ocidentais que pregam valores da democracia, direitos humanos, legalidade e legitimidade das ações

no campo internacional, com certeza incentivaram a Rússia a usar as mesmas ferramentas em prol de seus interesses.

à sua maneira. Na realidade, o poder militar continuou sendo usado em prol dos interesses estatais.

As exceções criadas pelas potências ocidentais, apesar das justificativas em termos humanitários, não convenceram boa parte dos membros do sistema.

No caso da Rússia, as intervenções foram encaradas como ameaças que deveriam ser confrontadas com poder militar. O resultado é que, na realidade, o uso do poder militar só tem adicionado mais complexidade ao sistema internacional.

No que tange a isso, no seu pronunciamento no dia da invasão Putin afirmou que

[...] Tratados e acordos anteriores já não funcionam mais realmente. [...] Tudo o que não convém à hegemonia e ao poder supremo é declarado arcaico, antiquado e desnecessário. E vice-versa: tudo o que lhes parece proveitoso é apresentado como a maior das verdades, empurrado goela abaixo, de modo grosseiro, por todos os meios¹⁰¹.

Não há como encontrar um caso a partir da década de 1990 que intervenções militares resultaram na paz positiva (no sentido pregado por Galtung¹⁰²). O Afeganistão, o Iraque, o Sahel, o Chifre da África não estão estáveis, seguros e pacíficos após as intervenções que sofreram.



Bombardeio russo em Kalynivka. Autor State Emergency Service of Ukraine.
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kalynivka_after_shelling_during_Russian_invasion_\(01\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kalynivka_after_shelling_during_Russian_invasion_(01)).

Então, as intervenções unilaterais pelos ocidentais que pregam valores da democracia, direitos humanos, legalidade e legitimidade das ações no campo internacional, com certeza incentivaram a Rússia a usar as mesmas ferramentas em prol de seus interesses.

O realismo continua prevalecendo no campo das Relações Internacionais

Apesar de outras teorias de RI apresentarem diferentes possibilidades de entender a política internacional – o realismo tem prevalecido. O fim da Guerra Fria levou a um questionamento sobre as análises centradas no poder militar e nos interesses dos Estados. O poderio da potência hegemônica e a possibilidade da unipolaridade no sistema internacional levou até à utopia do fim da história de Fukuyama. Mas o que se viu nessas três décadas foi que nem os norte-americanos tinham poder suficiente para ordenar o sistema, nem queriam fazer isso, nem seriam deixados fazer

Se estamos falando hoje do uso do poder militar russo na Ucrânia, a OTAN usou seu poder numa ação ilegal de maneira unilateral contra a Sérvia em 1999, os norte-americanos e seus aliados usaram o mesmo poder de maneira ilegal para invadir o Iraque em 2003. E o fizeram pela certeza que, se haveria condenações diplomáticas e jurídicas no âmbito do Direito Internacional, na prática esses ‘poderes’ não seriam



Bombardeio russo sobre Mariupol. Autor Міністерство внутрішніх справ України.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Russian_bombing_of_Mariupol.jpg

As ações que indicamos (dentre várias outras) incentivam os países a investirem no poder militar e/ou buscarem alianças. É notório o investimento chinês em capacidades militares. O governo sírio tem sido garantido diretamente pela Rússia e o Irã, e indiretamente pela China. O regime de Maduro buscou compensar a postura contrária à Venezuela pelos países ocidentais nas fortes relações com a Rússia, a China e o Irã. O problema é que, quando um país entende ter um poder relativo a opção pela negociação diminui e a opção do uso da força ganha força. Parece ser o caso da Rússia atualmente.

A guerra envolve, também, uma disputa de narrativas. Por um lado, a Rússia utiliza de discursos nacionalistas, históricos e identitários, e a divisão existente no território e na sociedade ucraniana, para preservação de um território estratégico ligado às sombras da antiga URSS. Por outro, a narrativa disseminada pelo Ocidente, principalmente pelos EUA, se baseiam na insistência de uma desobediência aos principais pilares ocidentais da boa conduta. Pode se entender, portanto, as tensões na Ucrânia como parte de uma disputa de longa data entre os grandes atores internacionais do Ocidente e do Oriente.

buscarem poder e usá-lo em prol de seus interesses; a distribuição de poder em diferentes polos no sistema internacional (como já aconteceu em outros momentos da história) tem adicionado complexidade e tornado o sistema mais instável.

* Discente do Curso de Relações Internacionais da UNESP – Campus de Marília/SP e membro do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).

** Docente do Curso de Relações Internacionais da UNESP – Campus de Marília/SP e coordenador do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).



Civis ucranianos são evacuados de Volnovakha na região de Donetsk. Autor Міністерство внутрішніх справ України. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ukrainian_civilians_are_evacuated_from_Volnovakha_in_the_Donetsk_region_\(2\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ukrainian_civilians_are_evacuated_from_Volnovakha_in_the_Donetsk_region_(2).jpg)

CONCLUSÃO

É possível perceber que as tensões russo-ucranianas é pautada em questões civilizacionais e ideológicas, intrinsecamente ligadas às identidades nacionais. A Ucrânia está muito imbricada na Rússia e, sobretudo no aspecto psicológico, é vista como ponto estratégico vital. O Ocidente, por enquanto, não demonstra interesses em intervir militarmente na região e confrontar o poderio militar russo.

Por fim, a guerra n Ucrânia reacende discussões sobre alguns tópicos relevantes da política internacional como: o uso de sanções não tem mostrado eficácia e não tem reduzido conflitos; a posse de forças e equipamentos militares não garante a dissuasão, tem que haver propensão de usá-los para demover o outro lado da intenção de usar a força; a propensão ao uso da força por detentores de poder militar, mesmo que justificado em princípios e valores, incentiva outros Estados a



Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília – SP.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesse material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem as visões do OCI ou da UNESP.

Editor: Prof. Dr. Sérgio Luiz Cruz Aguilár

ISSN: 2359-5809

Comentários para:
obsconflitos@gmail.com

Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

Como citar: APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. **A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia.** In AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). **Série Conflitos Internacionais**, v. 9, n. 1. Marília: OCI, 2022.

¹ PUTIN, 2005 apud BERZĪNSĪ, J. A Geopolítica das Relações entre a Rússia e o Ocidente: Antigos Fantasmas em uma Nova Era. *DefesaNet*, p. 1–8, 2022.

² UCRÂNIA: perfil de uma nação histórica sob a sombra da Rússia. *BBC News*, 7 fev. 2022.

³ Ibid.

⁴ Parte de uma percepção simplista conceber a formação da nação ucraniana apenas com base nas relações com a Rússia, e não pretendemos fazê-lo. No entanto, como o objetivo deste artigo é compreender o atual conflito entre Rússia e Ucrânia, é necessário dar mais atenção a esse aspecto.

⁵ SOAVINSKI, C. *Rússia e Ucrânia: identidade nacional enquanto causa de conflito*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Política) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

⁶ DIVOVYCH, Semen apud PLOKHY, S. *Ukraine and Russia: Representations of the Past*. Toronto: University of Toronto Press, 2008, tradução nossa.

⁷ PUTIN, Vladimir. *On the Historical Unity of Russians and Ukrainians*. President of Russia, Moscou, 12 jul. 2021. News, Transcripts. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>. Acesso em: 12 fev. 2022, tradução nossa.

⁸ SOAVINSKI, op. cit.

⁹ Ibid

¹⁰ Ibid, p.34

¹¹ THE UNIVERSITY OF CHICAGO. *Why is Ukraine the West's Fault? Featuring John Mearsheimer*. YouTube, 25 set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JrMiSQAGOS4>. Acesso em: 12 fev. 2022.

¹² Ibid.

¹³ Ibid. International Republican Institute's (IRI). *Public Opinion Survey: Residents of Ukraine*. Center for Insights in Survey Researchp, Estados Unidos, 2019. Disponível em: https://www.iri.org/wp-content/uploads/legacy/iri.org/wysiwyg/2019_december_survey_of_residents_of_ukraine_ngproof_toct_03032020_comments_removed_final.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

¹⁴ SOAVINSKI, op. cit.

¹⁵ THE UNIVERSITY OF CHICAGO, op. cit.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ PECEQUILO, C. S.; LUQUE, A. A. Estados Unidos e Rússia: Convergência e Divergência Geopolítica (1989-2016). *Meridiano 47 - Journal of Global Studies*, v. 47, n. 17, 2016.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ SOAVINSKI, op. cit.

²⁰ BERZĪNSĪ, J. A Geopolítica das Relações entre a Rússia e o Ocidente: Antigos Fantasmas em uma Nova Era. *DefesaNet*, p. 1–8, 2022 e SOAVINSKI, op. cit.

²¹ “Uma boa caracterização da visão russa é o artigo do General Major IN Vorobyov e do Coronel VA Kiselyov Estratégias de Destruição e Atrito: Uma Nova Versão (Strategii sokrusheniya i izmora v novom oblike, Voyennaya Mysl', no. 03, 2014). Publicado na revista científica oficial do Ministério da Defesa Russa, Pensamento Militar (Voyennaya Mysl'), o ‘Ocidente utiliza uma arma subversiva ideológica chamada ocidentalização. Ela consiste em impor na Rússia (e em outros países) um sistema social, econômico, ideológico, cultural, e modo de vida similar aos países ocidentais’” BERZĪNSĪ, op. cit., p. 3, grifo nosso.

²² Ibid., p.4

²³ Ibid., p.4

²⁴ FEDERAÇÃO RUSSA. *Russian National Security Strategy*. 31 dez. 2015. Disponível em: <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/RussianNational-Security-Strategy-31Dec2015.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

²⁵ VEJA íntegra do discurso de Putin que anunciou invasão da Rússia à Ucrânia. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/veja-integra-do-discurso-de-putin-que-anunciou-a-invasao.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2022.

²⁶ Ibid.

²⁷ “NATO welcomes Ukraine’s and Georgia’s Euro-Atlantic aspirations for membership in NATO. We agreed today that these countries will become members of NATO”. OTAN. *Bucharest Summit Declaration*. Bucharest, 3 abr. 2008. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_8443.htm. Acesso em: 12 fev. 2022.

²⁸ “Georgia’s and Ukraine’s membership in the alliance is a huge strategic mistake which would have most serious consequences for pan-European security” RUSSIA criticizes NATO pledge to Ukraine. *Reuters*, 4 abr. 2008. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-nato-georgia-ukraine-russia-idUSL0315483920080404>. Acesso em: 12 fev. 2022.

²⁹ "direct threat". VEJA, op. cit.

³⁰ PUTIN, warns Nato over expansion. *The Guardian*, 4 abr. 2008. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2008/apr/04/nato.russia#_=_. Acesso em: 12 fev. 2022.

³¹ SOAVINSKI, op. cit.

³² THE UNIVERSITY OF CHICAGO, op. cit.

³³ Ibid.

³⁴ SOAVINSKI, op. cit.

³⁵ As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva [sic], reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim

atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a ação [sic] que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte.

Qualquer ataque armado desta natureza e todas as providências tomadas em consequência desse ataque serão imediatamente comunicados ao Conselho de Segurança. Essas providências terminarão logo que o Conselho de Segurança tiver tomado as medidas necessárias para restaurar e manter a paz e a segurança internacionais. OTAN. *Tratado do Atlântico Norte*. Washington D.C., 4 abr. 1949. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt. Acesso em: 12 fev. 2022).

³⁶ THE UNIVERSITY OF CHICAGO..., op. cit.

³⁷ OS limites da ONU para impedir uma invasão como a da Rússia. *Folha de Pernambuco*, Pernambuco, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/os-limites-da-onu-para-impedir-uma-invasao-como-a-da-russia/217049/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

³⁸ CRESPO, M. 'Tambores de guerra' en la frontera entre Rusia y Ucrania: cronología de la crisis. *El Mundo*, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.elmundo.es/internacional/2022/01/25/61efd42221efa0705b8b45cc.html>. Acesso em: 18 fev. 2022 e UCRÂNIA: perfil de uma nação histórica sob a sombra da Rússia. *BBC News*, 7 fev. 2022.

³⁹ Ibid.; GIELOW, I. Entenda a crise entre a Rússia de Putin, a Ucrânia e as forças da Otan. *Folha de São Paulo*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/01/entenda-a-crise-entre-a-russia-de-putin-a-ucrania-e-as-forcas-da-otan.shtml>. Acesso em: 18 fev. 2022 e UCRÂNIA..., op. cit.

⁴⁰ A primeira tentativa ocorreu em setembro de 2014 e falhou. Essa segunda também seria violada pouco tempos depois. CRESPO, op. cit.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.

⁴³ COLÁS, X. Joe Biden llama "asesino" a Vladimir Putin y Rusia llama a consultas al embajador. *El Mundo*, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.elmundo.es/internacional/2021/03/17/6051ed32fdddf04868b4634.html>. Acesso em: 19 fev. 2022.

⁴⁴ CRESPO, op. cit.

⁴⁵ VIENTOS de guerra: cronología de las tensiones entre Ucrania, Rusia y Occidente. *Perfil*, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/internacional/cronologia-de-las-tensiones-entre-ucrania-rusia-y-occidente.phtml>. Acesso em: 18 fev. 2022.

⁴⁶ BARINI, Felipe. Entenda em oito perguntas a crise na Ucrânia e o risco de guerra. *O Globo*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-em-oito-perguntas-crise-na-ucrania-o-risco-de-guerra-25366856>. Acesso em: 18 fev. 2022; CRESPO, op. cit.; VIENTOS..., op. cit.

⁴⁷ BARINI, op. cit.; CRESPO, op. cit.; VIENTOS..., op. cit.

⁴⁸ Ibid. e UCRÂNIA: perfil de uma nação histórica sob a sombra da Rússia. *BBC News*, 7 fev. 2022.

⁴⁹ VIENTOS..., op. cit.

⁵⁰ Ibid. e CRESPO op. cit.

⁵¹ VIENTOS..., op. cit.

⁵² Ibid. BARINI, op. cit.; CRESPO, op. cit.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ ATAQUE foi premeditado; veja linha do tempo da escalada da tensão entre Rússia e Ucrânia. *A Gazeta*, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/mundo/ataque-foi-premeditado-veja-linha-do-tempo-da-escalada-da-tensao-entre-russia-e-ucrania-0222>. Acesso em: 26 fev. 2022.

⁵⁵ ONU. Maior crise global de paz e segurança só pode ser resolvida pelo diálogo, diz chefe da ONU. *ONU News*, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/02/1780662>. Acesso em: 26 fev. 2022.

⁵⁶ OS ..., op. cit.

⁵⁷ VEJA íntegra do discurso de Putin que anunciou invasão da Rússia à Ucrânia. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/veja-integra-do-discurso-de-putin-que-anunciou-a-invasao.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2022.

⁵⁸ GIELOW, I. Putin inicia guerra contra a Ucrânia; Kiev e Otan falam em invasão total. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/putin-autoriza-operacao-militar-na-ucrania.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2022.

⁵⁹ VEJA..., op. cit.

⁶⁰ SANCHES, M. Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia. *BBC News*, Washington, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60518951>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ VEJA..., op. cit.

⁶⁵ ZELENSKY acusa Rússia de bombardear bairros civis em Kiev e compara ataque a ofensiva nazista. *Uol Notícias*, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/02/25/zelensky-acusa-russia-de-bombardear-bairros-civis-em-kiev-e-compara-ataque-a-ofensiva-nazista.htm>. Acesso em: 25 fev. 2022.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ ATAQUE..., op. cit.

⁶⁸ ZELENSKY..., op. cit.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ ATAQUE ..., op. cit.

⁷² EUA, União Europeia e Reino Unido congelam bens de Putin e chanceler russo. *O Globo*, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/eua-uniao-europeia-reino-unido-congelam-bens-de-putin-chanceler-russo-25409892>. Acesso em: 25 fev. 2022.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ RÚSSIA veta resolução condenando invasão da Ucrânia no Conselho de Segurança da ONU; Brasil vota a favor. *G1*, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/02/25/russia-veta-resolucao-condenando-invasao-da-ucrania-no-conselho-de-seguranca-da-onu.ghtml>. Acesso em: 27 fev. 2022 e OS limites da ONU para impedir uma invasão como a da Rússia. *Folha de Pernambuco*, Pernambuco, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/os-limites-da-onu-para-impedir-uma-invasao-como-a-da-russia/217049/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

⁷⁵ OS ..., op. cit.

⁷⁶ RÚSSIA..., op. cit. e OS ..., op. cit.

⁷⁷ OS..., op.cit.

⁷⁸ RUSSOS e ucranianos travam combates em Kiev, e centro da capital registra ataques. *O Globo*, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/russos-ucranianos-travam-combates-em-kiev-centro-da-capital-registra-ataques-25411850>. Acesso em: 26 fev. 2022.

⁷⁹ EUA, Reino Unido e União Europeia anunciam novas sanções contra a Rússia e incluem corte de acesso ao sistema Swift. *O Globo*, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/eua-reino-unido-uniao-europeia-anunciam-novas-sancoes-contra-russia-incluem-corte-de-acesso-ao-sistema-swift-25412459>. Acesso em: 26 fev. 2022.

⁸⁰ UNIÃO Europeia anuncia que vai comprar e entregar armamentos para a Ucrânia. *O Globo*, 27 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/uniao-europeia-anuncia-que-vai-comprar-entregar-armamentos-para-ucrania-25413020>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁸¹ GUERRA na Ucrânia: Rússia põe forças de dissuasão nuclear em alerta máximo. *O Globo*, 27 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/guerra-na-ucrania-russia-poe-forcas-de-dissuasao-nuclear-em-alerta-maximo-1-25412846>. Acesso em: 27 fev. 2022.

⁸² MAIS de 30 países anunciam fechamento do espaço aéreo para aviões russos, e Aeroflot cancela voos para a Europa. *O Globo*, 27 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/mais-de-30-paises-anunciam-fechamento-do-espaco-aereo-para-avioes-russos-aeroflot-cancela-voos-para-europa-25412870>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁸³ GUERRA ..., op. cit.

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ RUSSIA Ucrânia concluem primeira rodada de negociações sem cessar-fogo imediato. *O Globo*, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/russia-ucrania-concluem-primeira-rodada-de-negociacoes-sem-cessar-fogo-imediato-25413574>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁸⁷ FORÇAS russas intensificam ataques contra Kharkiv e costa do Mar Negro; ONGs denunciam uso de bombas de fragmentação. *O Globo*, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/forcas-russas-intensificam-ataques-contra-kharkiv-costa-do-mar-negro-ongs-denunciam-uso-de-bombas-de-fragmentacao-25413922>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁸⁸ “NÃO chamaria de guerra”: NA ONU, embaixador da Rússia minimiza ataques. *Uol Notícias*, São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/28/onu-embaixador-russia-minimiza-ataques.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁸⁹ ASSEMBLEIA Geral da ONU se reúne para tratar da invasão russa da Ucrânia. *Uol Notícias*, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/02/28/assembleia-geral-da-onu-se-reune-para-tratar-da-invasao-russa-da-ucrania.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁹⁰ Ibid.

⁹¹ UCRÂNIA assina pedido para fazer parte da União Europeia. *Uol Notícias*, São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/28/zelensky-ucrania-entrada-uniao-europeia.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁹² REUTERS. Presidentes de 8 países pedem negociações para entrada da Ucrânia na EU. *Uol Notícias*, Varsóvia, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/02/28/presidentes-de-8-paises-da-ue-pedem-negociacoes-imediatas-para-entrada-da-ucrania-no-bloco.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

⁹³ SOAVINSKI, op. cit.

⁹⁴ GIELOW, op. cit.

⁹⁵ VEJA ..., op. cit.

⁹⁶ BERZINŠ, op. cit., p. 6.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ibid.

⁹⁹ GIELOW, op. cit; SOAVINSKI, op. cit.

¹⁰⁰ OS ..., op. cit.

¹⁰¹ Ibid.

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ VEJA ..., op. cit.

¹⁰⁴ GALTUNG, Johan. An Editorial. *Journal of Peace Research*, 1(1), 1964.